

## **QUESTÃO XII. – DA INTENÇÃO.**

Em seguida devemos tratar da intenção.

E sobre esta Questão, cinco artigos se discutem:

1. Se a intenção é ato da inteligência ou da vontade;
2. Se se refere só ao último fim;
3. Se se pode ter simultaneamente a intenção de duas coisas;
4. Se a intenção do fim é ato conjunto com a vontade dos meios;
5. Se a intenção convém aos brutos.

### **ART. I – SE A INTENÇÃO É ATO DO INTELLECTO OU DA VONTADE.**

*(II Sent., dist. XXXVIII, a. 3; De Verit., q. 22, a. 13).*

O primeiro discute-se assim. Parece que a intenção é ato do intelecto e não da vontade.

1. — Pois, diz a Escritura (Mt 6, 22): *Se o teu olho for simples, todo o teu corpo será luminoso*, significando olho, a intenção, como diz Agostinho<sup>1</sup>. Ora, os olhos, sendo instrumentos da visão, significam potência apreensiva. Logo, a intenção não é ato da potência apetitiva, mas da apreensiva.

2. Demais. — No mesmo passo observa Agostinho, que a intenção é chamada luz pelo Senhor, quando o Evangelho diz (Mt 6, 23): *Se pois a luz que em ti há são trevas*, etc. Ora, a luz diz respeito ao conhecimento. Logo, também a intenção.

3. Demais. — A intenção designa um certo ordenar-se ao fim. Ora, ordenar é próprio da razão. Logo, a intenção pertence a esta e não à vontade.

---

<sup>1</sup> Lib II De serm. Dom. in monte (cap. XIII).

4. Demais. — O ato da vontade recai sobre o fim ou sobre os meios. Quando recai sobre o fim chama-se vontade ou fruição; quando recai sobre os meios, eleição; ora, de uma e outra difere a intenção. Logo, esta não é ato da vontade.

Mas, *em contrário*, diz Agostinho<sup>2</sup>: *a intenção da vontade une o corpo visto à vista; e semelhantemente, a imagem existente na memória à fina ponta do espírito, que cogita interiormente*. Logo, a intenção é ato da vontade.

SOLUÇÃO. — Intenção, como o próprio nome o indica, significa tender para alguma coisa. Ora, para alguma coisa tende tanto a ação do motor como o movimento do móvel. Ora, pela ação do motor é que o movimento do móvel tende. Logo, a intenção, primária e principalmente é própria do que move para o fim; e por isso dizemos que o arquiteto, bem como todos os que ordenam, move os outros pelo seu império, ao fim para o qual ele tende. Ora, como já se estabeleceu (q. 9 a. 1), a vontade move para o fim todas as outras potências da alma. Por onde é manifesto, que a intenção é propriamente ato da vontade.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Chama-se intenção aos olhos, metaforicamente; não que ela seja própria do conhecimento, mas porque pressupõe este, pelo qual é proposto à vontade o fim para onde ela a move. Assim, com os olhos prevemos para onde devemos corporalmente tender.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Chama-se à intenção luz porque é manifesta ao que entende. Por isso também as obras se chamam trevas, porque o homem sabe o que entende, mas não o que resulta da obra, como Agostinho expõe no mesmo passo.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Por certo que a vontade não ordena, mas tende contudo para alguma coisa, segundo a ordem da razão. Por onde, esse nome de intenção designa um ato da vontade,

---

<sup>2</sup> XI De Trinit., cap. IV.

pressuposta à ordenação da razão, que ordena uma coisa para o fim.

RESPOSTA À QUARTA. — A intenção é ato da vontade relativamente ao fim. Ora, de tríplice modo a vontade visa o fim. Absolutamente, e então chama-se vontade o ato pelo qual queremos, de modo absoluto, a saúde ou coisa semelhante, que exista. De outra maneira, o fim é considerado como o em que a vontade descansa, e então a fruição respeita ao fim. Em terceiro lugar, o fim é considerado como o termo de algo que para ele ordena, e é assim que a intenção diz respeito ao fim. Pois, não intendemos a saúde só porque a queremos, mas porque queremos alcançá-la por alguma meio.

**ART. II — SE A INTENÇÃO SÓ SE REFERE AO FIM ÚLTIMO.**

O segundo discute-se assim. — Parece que a intenção se refere só ao fim último.

1. — Pois, como está no livro das Sentenças de Próspero<sup>3</sup>: *o clamor a Deus é a intenção do coração*. Ora, Deus é o fim do coração humano. Logo, a intenção só se refere ao fim.

2. Demais. — A intenção, enquanto termo respeita ao fim, como já se disse (a. 1 ad 4). Ora, o termo é por natureza último. Logo, a intenção sempre diz respeito ao fim último.

3. Demais. — Como a intenção visa o fim, assim também a fruição. Ora, esta sempre se refere ao fim último. Logo, também aquela.

Mas, *em contrário*. — Só um — a beatitude — é o fim último das vontades humanas (q. 1 a. 7). Se pois a intenção fosse relativa só ao fim último, não haveria intenções humanas diversas, o que é claramente falso.

---

<sup>3</sup> Sententiarum Prosperi, sent. C.

SOLUÇÃO. — Como já se disse (a. 1 ad 4), a intenção diz respeito ao fim, como termo que é do movimento da vontade. Ora, relativamente a este, pode-se considerar o fim de duplo modo. Como o termo último, em que se descansa, e que é o termo do movimento total; ou como termo médio, princípio de uma parte do movimento e fim ou termo de outra. Assim, no movimento pelo qual se vai de A para C passando por B, C é o termo último, B, também termo, mas não último; e a ambos pode se referir a intenção. Por onde, embora sempre seja fim, nem por isso é necessário que sempre seja fim último.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Chama-se à intenção do coração clamor a Deus, não que Deus seja sempre objeto, mas, sim, o conhecedor da intenção. — Ou porque, quando oramos, dirigimos a Deus a nossa intenção que tem quase a força do clamor.

RESPOSTA À SEGUNDA. — O termo tem a natureza de último, nem sempre, porém, em relação ao todo; mas às vezes, em relação a uma das partes.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Fruição importa em repouso no fim, o que é próprio só do fim último. Ao passo que a intenção importa em movimento para o fim; não porém, repouso. Portanto não realizam a mesma noção.

**ART. III — SE SE PODE INTENDER VÁRIAS COISAS  
SIMULTANEAMENTE.**

*(De Verit., q. 13, a. 3).*

O terceiro discute-se assim. — Parece que não se podem intender várias coisas simultaneamente.

1. — Pois, como diz Agostinho<sup>4</sup>, o homem não pode intender simultaneamente Deus e as comodidades materiais. Logo, por igual razão, não pode intender duas coisas quaisquer.

2. Demais. — Intenção significa o movimento da vontade para um termo. Ora, um movimento não pode ter, no mesmo ponto de vista, vários termos. Logo, a vontade não pode intender simultaneamente muitas coisas.

3. Demais. — A intenção pressupõe o ato da razão ou do intelecto. Ora, não inteligimos várias coisas simultaneamente, segundo o Filósofo<sup>5</sup>. Logo, também não as intendemos simultaneamente.

Mas, *em contrário*. — A arte imita a natureza. Ora, esta, com um só instrumento, intende duas utilidades; assim, a língua se ordena ao gosto e à locução, como diz Aristóteles<sup>6</sup>. Logo do mesmo modo, a arte ou a razão pode ordenar um meio simultaneamente a dois fins. Portanto, podem-se intender várias coisas simultaneamente.

SOLUÇÃO. — Duas coisas quaisquer podem ser consideradas em duplo aspecto: ordenadas ou não, uma para a outra. Se ordenadas, é claro, pelo que já se disse, que o homem pode intender várias coisas simultaneamente; pois a intenção recai não só sobre o fim último, conforme já se disse (a. 2), mas também sobre os meios. Assim, podemos intender simultaneamente o fim próximo e o fim último; p.ex., a preparação de um remédio e a saúde. Se porém não forem ordenadas, ainda assim o homem pode intender várias coisas simultaneamente; o que se evidencia quando prefere a outra uma coisa que julga melhor. E entre as condições que tornam uma coisa melhor que outra, está a que a faz servir a mais fins; e por isso, podemos preferi-la. Assim, pois, o homem intende várias coisas simultaneamente.

---

<sup>4</sup> lib. II De serm. Domini in monte (cap. XVII).

<sup>5</sup> II Topic., cap. X.

<sup>6</sup> II De Anima, lect. XVIII.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Agostinho quer dizer que o homem não pode intender simultaneamente Deus e as comodidades temporais, como fins últimos; porque, conforme já se demonstrou (q. 1 a. 5), um mesmo homem não pode ter vários fins últimos.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Um mesmo movimento pode ter, no mesmo ponto de vista, vários termos, se um se ordenar ao outro; mas não o pode, se os termos não forem assim ordenados. Note-se, porém, que pode ser considerado como uno, racionalmente, o que na realidade não é tal. Ora, a intenção é o movimento da vontade para algo de preordenado na razão, como já se disse (a. 1 ad 3). Por onde, coisas várias, na realidade, podem ser consideradas, enquanto dotadas de unidade racional, como um só termo da intenção. E isso, porque duas coisas ou concorrem para integrar outra, p. ex., o calor e o frio proporcionados, concorrem para a saúde; ou se incluem em outra que lhes é comum e é o termo da intenção, e assim a aquisição do vinho e de roupas, p. ex., estando contida no lucro, como algo que lhes é comum, nada impede intenda essas duas coisas quem intende o lucro.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Conforme já se disse na primeira parte (q. 85 a 4), podemos inteligir várias coisas simultaneamente, contanto que tenham certa unidade.

**ART. IV — SE É UM SÓ E MESMO MOVIMENTO A INTENÇÃO DO FIM E A VONTADE DOS MEIOS.**

*(Supra, q. 8, a. 3; II Sent., q. XXXVIII, a. 4; De Verit., q. 22, a. 14).*

O quarto discute-se assim. — Parece que não é um só e mesmo movimento a intenção do fim e a vontade dos meios.

1. — Pois, diz Agostinho<sup>7</sup>, a vontade de ver uma janela tem como fim a visão dela; e outra é a vontade de ver, pela janela, os transeuntes. Ora, querer ver os transeuntes, pela janela, inclui-se

---

<sup>7</sup> XI De Trinit., cap. VI.

na intenção; querer ver a janela, na vontade, que visa os meios. Logo, é um movimento da vontade a intenção do fim e, outro, o querer os meios.

2. Demais. — Os atos se distinguem pelos seus objetos. Ora, fins e meios são objetos diversos. Logo, querer o fim e os meios são movimentos diversos da vontade.

3. Demais.— À vontade dos meios se chama eleição. Ora, esta não é idêntica à intenção. Logo, a intenção do fim não é movimento idêntico ao da vontade dos meios.

Mas, *em contrário*, os meios estão para o fim como o que é médio para o termo. Ora, nos seres naturais, é o mesmo movimento que, pelo termo médio, chega ao termo último. Logo, também no domínio da vontade, o mesmo movimento é intenção do fim e vontade dos meios.

SOLUÇÃO. — De duplo modo se pode considerar o movimento da vontade para o fim e para os meios. — De um modo, enquanto a vontade se dirige para um e outro encarando-os absolutamente e em si. E então, há dois movimentos absolutos da vontade. — De outro modo, podemos considerar que é por causa do fim que a vontade busca os meios. E assim, por um e mesmo movimento, com o mesmo sujeito, a vontade tende para o fim e para os meios. Por ex., quando digo — quero o remédio por causa da saúde — não designo mais que um mesmo movimento da vontade, e isso porque o fim é a razão de querer os meios. Ora, é o mesmo ato que recai sobre o objeto e sobre a razão que permite apreendê-lo, assim como um mesmo olhar vê a cor e a luz, conforme já se disse (q. a. 3 ad 2). E o mesmo se dá com o intelecto que, por atos diversos, considera absolutamente o princípio e a conclusão; mas por um só ato assente à conclusão por causa dos princípios.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Agostinho se refere à vista da janela e dos transeuntes, por ela, enquanto a vontade exerce esses dois atos absolutamente.

RESPOSTA À SEGUNDA. — O fim, enquanto realidade, é objeto da vontade, diferente dos meios; mas é um e mesmo objeto com eles, enquanto é a razão de serem queridos.

RESPOSTA À TERCEIRA. — O movimento subjetivamente uno pode se diversificar pelo seu princípio e pelo seu fim; assim, a ascensão e a descida, como diz Aristóteles<sup>8</sup>. Por onde, há eleição quando o movimento da vontade recai sobre os meios, enquanto ordenados ao fim. Chama-se intenção o movimento da vontade que recai sobre o fim, enquanto conseguindo pelos meios. E a prova é que pode haver a intenção do fim sem estarem ainda determinados os meios, sobre os quais recai a eleição.

#### **ART. V — SE OS BRUTOS INTENDEM O FIM.**

O quinto discute-se assim. — Parece que os brutos intendem o fim.

1. — Pois, a natureza dos seres carecentes de razão dista mais da natureza do que da natureza sensível dos brutos. Ora, a natureza intende um fim, mesmo nos seres carecentes de razão, como o prova Aristóteles<sup>9</sup>. Logo, com maior razão, os brutos intendem o fim.

2. Demais. — Como a intenção tem por objeto o fim, assim também a fruição, como se disse (q. 11 a. 2). Logo, e igualmente, de intenção.

3. Demais. — Não sendo o intender senão tender para algum fim, o que age para um fim o intende. Ora, os brutos agem para um

---

<sup>8</sup> III Phys., lect. IV.

<sup>9</sup> II Phys., lect. XIII, XIV.

fim, pois o animal se move em busca de alimento e para coisas semelhantes. Logo, intendem o fim.

Mas, *em contrário*. — A intenção do fim importa em ordenar-se para ele, e ordenar é próprio da razão. Ora, como os brutos não a tem, não intendem o fim.

SOLUÇÃO. — como já se disse (a. 1), intender é tender para alguma coisa, o que é próprio do motor e do movido. — Se pois, se diz que entende o fim o que é movido para ele, então a natureza o entende, movida que é ao seu fim por Deus, assim como a seta pelo sagitante. E deste modo, também os brutos intendem o fim enquanto movidos pelo instinto natural. — De outro modo, intender o fim é próprio do motor, enquanto ordena ao fim o movimento seu ou alheio, o que é obra só da razão. E nesta sentido, que é o de intender própria e principalmente, os brutos não intendem o fim, como já se disse (a. 1).

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — A objeção procede sendo intender próprio do que é movido para o fim.

RESPOSTA À SEGUNDA. — A fruição não importa, como a intenção, em ordenar-se uma coisa para um ser, mas o descanso absoluto no fim.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Os brutos são movidos para o fim, não considerando que podem alcançá-lo pelo seu movimento, o que é próprio de quem entende; mas desejando-o, são movidos para ele por um instinto natural, quase movidos por outro ser, segundo acontece com tudo o que é naturalmente movido.